

Grécia e Roma em revista

Roberto C. G. Castro¹

Resumo: Este artigo mostra o destaque dado pela editora do Cemoroc às culturas grega e romana antigas, temas de originais ensaios escritos por autores do Brasil e do exterior.

Palavras Chave: publicações científicas; Grécia; Roma; Cemoroc.

Abstract: This article shows the emphasis given by Cemoroc Press to ancient Greek and Roman cultures, themes of original essays by authors from Brazil and abroad.

Keywords: scientific publications; Greece; Rome; Cemoroc.

O mundo antigo é tema privilegiado das principais revistas publicadas pela Editora Mandruvá, ligada ao Centro de Estudos Ocidente & Oriente (Cemoroc) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). A editora disponibiliza na internet (www.hottopos.com), gratuitamente, estudos inéditos sobre as civilizações grega e romana, abordando também o cristianismo e a patrística.

Uma das grandes iniciativas da editora se deu exatamente na área da filosofia antiga. Trata-se da tradução e publicação – até então inédita em todo o mundo – do curso “Os estilos da filosofia”, dado em Madri, na Espanha, pelo filósofo espanhol Julián Marías, entre 1999 e 2000, em que ele aborda os pensadores Parmênides, Heráclito, Aristóteles e Agostinho.

As conferências foram publicadas na edição número 3 da revista *International Studies on Law and Education*, em tradução de Elie Chadarevian. Acompanha os textos sobre os filósofos uma introdução de Marías, em que ele afirma: “Proponho-me apresentar, num curso que estou preparando, esta questão: ‘Os estilos da filosofia’. Destacarei uma série de filósofos, que não necessariamente são os mais ‘importantes’ pela magnitude de suas doutrinas, mas porque com eles iniciou-se uma nova maneira de pensar, uma concepção original da filosofia. Levar isso em consideração dá uma nova perspectiva à transformação do ‘argumento’ desse estranho e fabuloso empreendimento que é a filosofia”. De Marías, a edição 11 da mesma revista publicou o artigo “A inovação radical do cristianismo”.

Sobre os dois grandes pensadores que marcaram a cultura ocidental – Platão e Aristóteles –, foram publicados sete artigos, entre eles um ensaio do jurista e filósofo português Paulo Ferreira da Cunha, “Aristóteles – Filosofia do homem: ética e política”. No artigo, que veio à luz na edição 8 da *Revista Internacional d'Humanitats*, Cunha analisa a ética aristotélica não do ponto de vista da normatividade e da simples descrição, mas da teleologia ou finalidade. Ele afirma: “Não visa o filósofo na sua ética ou na sua política um bem substancial, absoluto, mas um bem que contribua para um fim profundamente humano: a felicidade. Da mesma sorte, a constituição excelente que se busca na política não se dirige a uma utopia sem lugar, sem povo, sem clima, sem solo, sem vizinhança, mas se almeja para cada comunidade concreta a constituição que melhor se lhe adequa”.

¹ Doutor e Pós-doutorando em Filosofia e Educação pela Faculdade de Educação da USP.

Outros estudos sobre aqueles dois grandes filósofos gregos são “Da semelhança possível entre os conceitos de justiça de Aristóteles e Platão”, de Maria de Fátima Simões Francisco (*Revista Internacional d'Humanitats* 21) e “Platão – Persuasão e encantamento nas *Leis*“, de Gilda Naécia Maciel de Barros (*Revista Internacional d'Humanitats* 23, republicado em *International Studies on Law and Education* 10).

A revista *Notandum* 10 publicou ainda um estudo do filólogo suíço Olof Gigon (1912-1998), “O conceito de liberdade no mundo antigo”, em tradução de Anna Lia Amaral Almeida Prado e Gilda Naécia Maciel de Barros. Gigon conclui seu longo ensaio dizendo que, na Antiguidade, a liberdade não é um fim em si mesmo: ela apenas prepara o espaço no qual o homem age por decisão responsável. Essencial é o que ele faz da liberdade. E argumenta: “A Antiguidade estabelece aqui o catálogo das possíveis metas da vida: riqueza e prazer, poder e honra ou finalmente a *eudaimonia* filosófica. Dever-se-ia perguntar em que medida, no presente, a liberdade é realmente um fim último em si mesmo e, também, em que medida, para além da liberdade, o alvo é a melhoria sem fim das condições de sobrevivência física. Em todo caso parece que o moderno conceito de liberdade carece ainda de muitos esclarecimentos”.

Cultura grega e educação

Como não poderia deixar de ser, as relações entre o mundo antigo e a educação são especialmente abordadas nos ensaios publicados pela editora. O conflito entre as leis escritas e as leis não-escritas – as leis naturais ou *agraphoi nomoi* –, por exemplo, é discutido na revista *Notandum* 3 por Gilda Naécia Maciel de Barros. Ela escreve: “No que superaram o episódico e circunstancial, os *agraphoi nomoi* apontam em direção ao homem mesmo, confrontado com a suas limitações definidoras e definitivas. Seja porque há uma legislação de ordem superior e divina (Antígona), seja porque o uso artístico de uma *peithó* laicizada garante, pelo livre debate, o acordo das consciências, há regras que falam por si, e se impõem com seu discurso que ecoa ao infinito, alcançando-nos onde estivermos, e obrigando-nos a enfrentar a nossa consciência. Seja por um instinto, por um sentimento inato, ou, quem sabe, pelo puro exercício da razão, elas apontam ao homem o caminho do bem e do justo. Elas o fazem ver, na esteira de um Hípias, que integramos uma fraternidade universal, de um Alcidas, que nascemos todos livres, como Antífote, que não há gregos e bárbaros, e, finalmente, como Licofrão e Eurípides por seus personagens, que não há nobres de origem”.

Também de Gilda Maciel de Barros é o artigo “Sócrates – Raízes gnosiológicas do problema do ensino”, publicado em *Revista Internacional d'Humanitats* 3. Nele, a autora busca na figura de Sócrates o modelo de mestre e a maestria no ensinar. Para a autora, o mestre só pode operar como um braço auxiliar da razão, que, uma vez ativada, traz em si o princípio que a faz produzir, isto é, conhecer. “Interferir nesse processo, colocando na alma do outro um saber que não nasceu ali é uma opção pelo fracasso. Ele não promove a conversão, ele não opera o ‘milagre’ que leva a agir. Ou, se o fizer, a conduta assim provocada terá a qualidade das imitações, e bastará uma circunstância negativa para desviá-la de seu verdadeiro fim. Tal como ocorre com estátuas de Dédalo, ‘saberes’ transplantados têm a leveza das plantas que não têm raízes. Apenas o encadeamento promovido dialeticamente pela razão pode aprofundá-los, e consolidando-os, torná-los fixos”, escreve a autora.

“Educación en valores a partir de los clásicos greco-latinos – Una propuesta de intervención en secundaria”, de Enrique Romero González (*Revista Internacional d'Humanitats* 3), e “A Academia de Platão e a matriz das academias modernas”, de Maria Luísa Malato (*Notandum* 19), são outros artigos com a mesma temática.

Um tema relativamente recente na historiografia greco-romana, a mulher no mundo antigo foi objeto de interessantes estudos publicados nas revistas da Editora Mandruvá.

A edição 19 de *Notandum* traz, entre outros ensaios, “Medeia: uma discussão sobre a mulher em Eurípides”, de Maria Amlia Longo Tsuruda, e “Vozes da misoginia medieval: Aristóteles disseminado em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino”, de Pedro Carlos Louzada Fonseca. Na *Revista Internacional d'Humanitats* 14, Marcos Sidnei Pagotto Euzebio assina “O corpo de Helena e o texto de Isócrates” e, em *Notandum* 12, Alessandra Carbonero Lima publica “*Exempla Romanos: Homens de Gloria e Mulheres de Honor*”.

A civilização romana

No livro III do *De Rerum Natura*, Lucrécio se volta para a desconstrução do temor da morte, que continuamente atormenta a vida dos homens. Lucrécio mobiliza vários argumentos relacionados  materialidade da alma para combater a crença na mortalidade da alma e o conseqüente temor da morte.

Essa é a síntese do artigo “Argumentos contra o temor da morte. Análise do livro III do *De Rerum Natura* de Lucrécio”, de Maria de Fátima Simões Francisco, publicado na edição 8 de *International Studies on Law and Education*. Como escreve a autora, “o principal meio de combater o temor da morte, tal como se depreende do desenvolvimento do texto, será fará através da demonstração da mortalidade da alma. Esta demonstração ocupar a maior parte do livro III, de 417 a 829. Para erguer os argumentos sobre a mortalidade da alma será necessário previamente que se explicitem três pontos relativos  natureza da alma, vale dizer, sua materialidade, seus elementos constitutivos e seu relacionamento com o corpo. Tal será precisamente a tarefa a que se dará Lucrécio na presente parte do poema, versos 94 a 416. A primeira tese a desenvolver é, assim, a do caráter material da alma”.

“Retórica e educação: uma leitura do *Dialogus de Oratoribus*, de Tácito”, de Acácio Luiz Santos (*Notandum* 19), “Sneca – Aproximações”, de Alessandra Carbonero Lima (*Notandum* 11), e “Vida de Catão, de Plutarco – Apontamentos para o estudo da educação e cultura romanas”, também de Alessandra Carbonero Lima (*Notandum* 15), são outros exemplos da presença do espírito romano nas páginas das revistas.

Finalmente, as revistas do espaço também para a patrística, esse período em que a filosofia grega e medieval se encontram com os novos ideais do cristianismo. Exemplo maior disso se encontra na edição 2 de *Videtur Letras*, que disponibiliza o artigo “Cristianismo primitivo e Paidéia grega”, de Gilda Naécia Maciel de Barros. Comentando um clássico livro do helenista alemão Werner Jaeger, *Early Christianity and Greek Paideia*, Gilda escreve: “Na linha do historiador alemão Johann Gustav Droysen, para o qual o cristianismo surge do helenismo e dele toma as direções mais notáveis de seu primeiro desenvolvimento, Jaeger considera de importância decisiva para a afirmação do cristianismo como religião universal o processo de trs séculos de expansão da cultura grega desencadeado pelas conquistas de Alexandre. Realmente, em torno da Bíblia irá organizar-se uma civilização com feições próprias, mas em razão de uma dialtica vital entre o *kerygma* cristão, cujo maior esforço será ultrapassar os limites da Judéia, e esta cultura de muitos séculos e largas dimensões geográficas, a cultura grega”.

Gilda acrescenta: “Nesse encontro histórico, a língua grega, falada em todas as sinagogas das cidades do Mediterrâneo, é fator decisivo. Ela põe ao alcance do judeu helenizado e do gentio a doutrina cristã, cuja forma literária, nesta tarefa de conversão,

é muitas vezes grega. Descrevendo o desenvolvimento histórico da religião cristã durante os primeiros séculos, Jaeger o vê como um processo contínuo de tradução das fontes hebraicas com o objetivo de oferecer ao mundo uma compreensão cada vez mais adequada de seu conteúdo”.

Ainda com relação à patrística, foram publicados o artigo “Métaphysique Néoplatonicienne et Christianisme”, de Bento Silva Santos (*Notandum* 6), e uma tradução da carta de Inácio de Antioquia a Policarpo (*Revista Internacional d’Humanitats* 14), entre outros textos.

Recebido para publicação em 20-08-12; aceito em 15-09-12